

OS DOZE TRABALHOS DE HÉRCULES COMO BASE DE FORMAÇÃO DA CIVILIZAÇÃO NA GRÉCIA ANTIGA

Bruna Moreira Antonichen ¹
Emmanoel de Almeida Rufino ²

RESUMO

O presente estudo objetiva desenvolver um estudo sobre os fundamentos éticos subjacentes à narrativa dos doze trabalhos de Hércules, uma das mais famosas da Grécia Antiga e igualmente importante, no universo formativo da *paideia* grega. Objetivando, portanto, compreender a força pedagógica do referido mito, organizamos nosso estudo em dois momentos específicos de análise: primeiramente, examinamos as razões e significados da mitologia como mecanismo pedagógico na Grécia Antiga; em seguida, analisamos a narrativa dos doze trabalhos de Hércules, explicando cada um dos trabalhos e a moralidade intrínseca a cada um, além de pontuarmos sua influência na educação dos gregos para a civilidade (fundamento imprescindível à *paideia*). Em termos conclusivos, a narrativa dos doze trabalhos de Hércules possui muitos ensinamentos sobre o que alguém deve aprender para ser civilizado. Dentre esses ensinamentos, destaca-se a concepção – típica da mitologia arcaica à filosofia clássica e helenística – de que os seres humanos devem governar seus impulsos instintivos (típicos dos animais) com o uso da razão, de que o uso da força deve ser preterido em nome da racionalidade prática.

Palavras-chave: Civilidade, Educação, *Paideia* grega, Platão.

INTRODUÇÃO

Como ocorre nas diversas civilizações da Antiguidade (mas não somente), o mito é um instrumento decisivo na configuração dos códigos sócio-culturais, porque modela a realidade humana conforme as demandas do seu tempo e espaço social, estabelecendo significados às dimensões física e metafísicas do *cosmo* (universo). À civilização greco-antiga – foco do presente estudo – os mitos serviram como esse mecanismo de educação dos sujeitos, demarcando principalmente os limites do mundo humano em relação ao mundo divino, como também os códigos ideais e interpessoais de comportamento. Da tradição oral mais arcaica à tradição clássica da Antiga Grécia, a *paideia* grega erigiu-se como esse referencial educativo que tinha na mitologia um substrato fundamental. Dentre os vários mitos decisivos à *paideia* (formação integral das crianças gregas à civilidade), os doze trabalhos de Hércules é, certamente, não só um dos mais famosos, como um dos mais importantes, porque suas narrativas portam mensagem morais fundamentais àquilo que os gregos consideravam necessário para formar alguém civilizado.

¹ Estudante do Curso Técnico em Instrumento Musical Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB, brunamh7@gmail.com;

² Doutor em Educação pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB; Professor do IFPB (Campus João Pessoa), emmanoelrufino@ifpb.edu.br.

Diante desse contexto acima apresentado, motivamo-nos a desenvolver um estudo que versasse sobre os fundamentos éticos subjacentes à narrativa dos trabalhos de Hércules. Objetivando, portanto, traçar compreender a força pedagógica do referido mito, organizamos nosso processo de análise de tal problemática em duas etapas específicas de análise: primeiramente, examinaremos as razões e significados da mitologia como mecanismo pedagógico na Grécia Antiga; em seguida, analisaremos a narrativa dos doze trabalhos de Hércules, explicando cada um dos trabalhos e a moralidade intrínseca a cada um, além de pontuarmos sua influência na educação dos gregos para a civilidade (fundamento imprescindível à *paideia*).

À título de justificativa, sublinhamos que nosso estudo é relevante acadêmica e socialmente. Academicamente, estabelecemos um diálogo importante com uma área que, apesar de constantemente lida e relida no universo acadêmico, sempre pode revelar nossos sentidos, especialmente quando alinhamos o tema mitologia com a contemporaneidade e suas bases pedagógicas (já que ainda hoje há mitos cimentando concepções de mundo). Além disso, como a perspectiva científica demanda sínteses dialéticas constantes (por seu caráter cumulativo e evolutivo), verter um olhar crítico a culturas antigas – se não possam trazer “novidades” no campo das informações – pode nos fazer retificar ou ratificar concepções culturais vigentes. No âmbito social, nosso estudo se faz relevante ao trazer a educação como fundo, já que esse fenômeno é eminentemente promotor de princípios éticos e morais que, por sua vez, subjazem o objeto deste estudo. Cremos que a narrativa dos doze trabalhos de Hércules possui muitos ensinamentos que poderiam fazer-nos amadurecer concepções civilizatórias atuais, porque além de iluminar a ideia de que a formação humana se estabelece necessariamente sobre a base da razão prática, nos oferta princípios éticos que muitas vezes se contrastam com os que atualmente nos movem, especialmente naquilo que caracteriza os limites de nossa condição humana.

METODOLOGIA

A realização deste estudo seguiu uma tipologia teórica, o que justifica o uso de materiais bibliográficos. Diante disso e considerando os objetivos específicos supracitados, organizamos nossa estratégia metodológica de nosso estudo bibliográfico da seguinte maneira: primeiramente, para examinarmos as razões e significados da mitologia como mecanismo pedagógico na Grécia Antiga, faremos uso especialmente de Vernant; em seguida, para analisarmos a narrativa dos doze trabalhos de Hércules, explicando cada um dos trabalhos e a

moralidade intrínseca a cada um, além de pontuarmos sua influência na educação dos gregos para a civilidade (fundamento imprescindível à *paideia*), utilizamos fundamentalmente nossas leituras sobre a questão à luz de palestras do helenista Viktor David Salis (acessíveis em vídeos no Youtube) e no livro *As mais belas histórias da Antiguidade Clássica*.

Diante desses passos metodológicos aqui previstos e anunciados, cremos poder satisfazer adequadamente as demandas de análise que projetamos – em cada objetivo específico – à resolução do problema da pesquisa que anunciamos anteriormente.

DESENVOLVIMENTO

1. Os mitos e suas influências à educação humana

Desde os primórdios das civilizações, os seres humanos pensavam em maneiras e formas de explicar, teorizar ou entender os fenômenos em sua volta. Não foi diferente na Grécia antiga: as narrativas mitológicas foram utilizadas, portanto, não só para constituir sentido ao universo cosmológico em si, com toda a sua complexidade física e metafísica, mas também para constituir sentido cultural às ações humanas em sociedade. Vale lembrar que, nas civilizações da Antiguidade, as eras mais remotas não dispunham de leis escritas, o que conferia ainda mais importância aos mitos como instrumentos de aculturação. Para compilar, assim, as variantes do comportamento humano e seus anseios, as narrativas míticas construía personagens diversos incorporando a eles vícios e costumes comuns às pessoas, colocando em destaque lições sobre ética (muitas vezes sob simbologias, com mensagens metafóricas subtendidas).

Originalmente ficcionais e trazendo muitas histórias com aparente mensagem paradoxal, o mito era considerado um discurso sagrado, cuja dispersão entre os antigos povos se consolidou sob a forma de oralidade. Os “oradores” míticos, ou melhor, os seus principais divulgadores eram os *aedos* e os *rapsodos*, homens dedicados ao canto e a poesia (*poiesis* – criação), que compunham narrativas a base da cultura já consolidada ou teciam ideias a base de anseios sócio-culturais em emergência. Eles transmitiam esses relatos fictícios com emoção e veracidade para as pessoas, provocando reações e sentimentos diferentes em cada um que pudesse ouvir, desde apenas o encanto pela palavra ouvida, até reflexões sobre atitudes, ética pessoal, justiça e etc.

Diferente do que se é muitas vezes pensado, o mito não é concebido primeiramente de maneira escrita e feito rapidamente, junto aos discursos tradicionais verbais, como um processo

curto e unívoco: é constituído num andamento lento, pois o desapego do uso de oradores para transmitir as alegorias costumava significar um número maior de acesso comunitário às histórias e diferentes tipos de interpretação, alterações, aumentos e diminutivos em suas explanações escritas, passando de culturas e povos distintos, de modo que os indivíduos podiam ser tocados por isso, ou não (já que, de maneira verbal, se passava mais sensações diretas). Os gregos sabiam que, mesmo difundido de maneira sedutora pelos enunciadores, a herança nuncupativa não se manteria por muito tempo como a escrita, nivelando assim esse conhecimento para além de orações faladas uns aos outros, mas também agora eternizadas pelos registros. (VERNANT, 1992, p. 199)

No tocante a heróis ou deuses, os mesmos não eram apenas personagens simples, como num conto qualquer. Eles personificavam erros (*hybris*) humanos junto aos deuses e entre si, cobiças ou sentimentos, que traziam à tona discussões sobre comportamentos, atitudes e coisas importantes para a época, com importante significação no horizonte de temas como justiça, predestinação, honra, etc. Os povos aprendiam através deles com os problemas apresentados, que vinham com respostas, mas não explicitamente colocadas. O mito não é uma vaga expressão de sentimentos individuais ou de emoções populares; é um sistema simbólico institucionalizado, uma conduta verbal codificada, veiculando, como a língua, maneiras de classificar, coordenar, de agrupar e contrapor os fatos, de sentir ao mesmo tempo semelhanças e dissemelhanças; em suma, de organizar experiências (VERNANT, 1992, p. 206).

Por milênios, a mitologia constituiu a cultura de diversos povos, a raiz interpretativa de suas leis, servindo como referência não apenas religiosa, mas também estrutural no campo societário. Essas narrativas são obras bordadas com discursos que faziam emergir os indivíduos e suas atitudes e que, assim, ajudaram a reorganizar lógicas civilizatórias de educação, com exemplos de buscas e clareamentos ao conhecimento e à sabedoria (geralmente representadas por deuses), provas de vigor e honra, colocando a inteligência como um ponto importantíssimo no desenvolvimento de um povo, sublinhando virtudes a serem alcançadas que, por sua vez, serviriam de espelho aos cidadãos à valorização da sua racionalidade civilizatória. Em suma, mesmo que os fenômenos fossem remetidos a coisas místicas, ainda assim, era por via dos mitos que se explicava logicamente os cenários que envolvem a vida humana. Há uma lógica nos mitos, um *logos*, apesar desse não ter os mesmos atributos do *logos* que emergirá com a filosofia (e que exigirá um olhar mais acurado às causas dos fenômenos).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Numerosos mitos auxiliaram e tiveram vastas influências no sentido educacional dos povos antigos, desde as muitas e mais variadas sociedades antigas até as sociedades atuais. Um desses mitos fundamentais à constituição de um sentido civilizatório – especialmente, a sociedade grega é o mito dos doze Trabalhos de Hércules.

Segundo o referido mito, Hércules (ou Hércles) era filho de Zeus e Alcmena (neta de Perseu). Foi criado por seu padrasto, Anfitrião, que recebeu o primogênito como uma dádiva celestial dada por Zeus. Hera, a esposa de Zeus, via a mãe de Hércules como uma rival sua, mas o amamentou graças aos conselhos da deusa Atena, já que o menino teria morrido ainda bebê, pois sua mãe, Alcmena, o tinha abandonado num lugar distante do Palácio de seu avô (que, logo depois, veio a denominar-se “Campo de Hércles”).

Grças a amamentação de Hera, a criança adquiriu imortalidade, mesmo tendo tomado apenas algumas gotas de seu leite. Ele foi entregue por Atena à sua mãe logo depois, já que Hera não iria criá-lo. Alcmena pegou de volta o bebê, que demonstrou seus primeiros sinais de força ao se defender e matar ainda no berço duas serpentes enviadas por Hera, que rancorosa, descobriu que não poderia vingar-se do pequeno herói já que ele ganhara vida eterna.

Longo tempo se passou e, durante toda a sua vida e juventude, Hércules validou sua robustez e sapiência, acompanhado sempre de grandes mestres, em razão de que seu pai adotivo foi avisado pelo adivinho Tirésias de que o garoto seria um grande herói, com muitos feitos durante a vida. Todavia, perto dos 18 anos, o garoto Hércules teve um ataque de fúria quando precisou se defender dos castigos dados injustamente por seu mestre Lino. Hércules o matou devido a sua força exorbitante. Mesmo amargamente arrependido pela morte do mestre, ele foi julgado e graças a este episódio o juiz Radamante criou a lei da legítima defesa, onde o herói não precisou pagar uma pena (essa lei, que inclusive foi imposta fora do mito, na sociedade grega, mais um exemplo da influência mitológica no âmbito da constituição dos códigos de comportamento cultural aos indivíduos socialmente organizados).

Hércles deixou seu rebanho e a área onde vivia e desde então realizou diversas conquistas de honorabilidade; numa delas viu originar-se seu casamento com Mégara, com qual teve 3 filhos. Mas, em um ataque de fúria, matou a todos. Ele foi levado novamente à audiência, onde recebeu uma pena: obedecer fielmente as tarefas dadas pelo Rei Euristeu, seu rival, graças a Hera, que o fez nascer antes de Hércles para conquistar o trono, devido a um longo prometimento de Zeus.

Euristeu tinha emulação de Hércles; por este pretexto, não poupou de escolher as mais criativas e árduas incumbências, para que o mesmo não voltasse vivo. Eis, abaixo, os doze trabalhos de Hércules e os aprendizados didáticos deles derivados:

A narrativa começa com o primeiro trabalho de Hércules, a saber, *a luta contra o Leão de Neméia*. Nessa tarefa, o semideus deveria capturar o leão, matá-lo e levar sua pele ao Rei. Mas existia uma dificuldade para a realização desta tarefa, já que o felino não se feria com coisas externas, como armas e flechas, e tinha essa invulnerabilidade natural. Após refletir sobre isso, Hércules tem a ideia de enforcá-lo e consegue (originando o nome do famoso golpe de enforcamento, ou “mata-leão”), e para tirar sua pele usou os próprios dentes do leão, levando-o assim para Euristeu.

O significado pedagógico do mito toca no tema de como lidarmos com o ego interno, que cada um de nós possui (nosso *leão pessoal*). O mito nos adverte que devemos domar e civilizar nossa raiva, para conseguir viver com civilidade junto aos outros. Que a reflexão é a principal peça que devemos usar, nossa principal arma. Não adianta tentar conquistar tudo com a pura força bruta, despida de nada mais, pois ela se tornará ignorante diante uma conquista com sabedoria.

O segundo trabalho de Hércules é a tentativa de matar a *Hidra de Lerna*, uma missão quase impossível, já que ela era uma serpente de nove cabeças, das quais oito eram mortais e a nona era imortal. Com a ajuda de seu sobrinho Iolau (filho de seu irmão Íficles), Hércules chegou a Lerna e junto a Iolau encontrou – depois de certo tempo – a Hidra dentro de sua caverna. Ele e seu sobrinho a capturaram e depois de trabalho árduo – já que a mesma não morria e criava sempre novas cabeças no lugar das decepadas – seu companheiro teve a ideia de pegar uma tocha de fogo e queimar a hidra, enquanto Hércules decepou a cabeça imortal da mesma, impedindo assim de nascer outra. Por fim, o héroi colocou uma gigante pedra no local onde enterrou a cabeça eterna do monstro, completando assim o trabalho.

Como significado moral, o mito assim se posiciona: As nove cabeças, os nove “pecados”³ capitais, os vícios humanos. O indivíduo não está isento e seguro dos próprios vícios que podem lhe alcançar e deve sempre temê-los. Controlar a cabeça por mais que o problema nasça novamente, mas sempre tentar acabar por completo com o mesmo, colocando uma pedra em cima dele.

O terceiro trabalho de Hércules é a *Corça de Cerinéia*. Nesse trabalho, Hércules teria que trazer a corça viva; este era um animal lindo e de tamanha virtude e beleza, com chifres de ouro e cascos de ferro. Era uma das corças amadas e conservadas de caçada da deusa Ártemis, e encontrá-la era muito difícil. Mas, depois de muito tempo de procura, ele a encontrou, conforme

³ Aqui vale uma observação: à tradição grega não é adequado imputar o termo pecado para traduzir o conceito de *hýbris*, que significa “erro transcendental”. A noção de pecado só desponta ao ocidente com a tradição cristã e aqui só é usado terminologicamente por questão didática.

estava predestinado. Mas ao encontrar, Hércules só conseguiu pega-lá após a ferir com uma flechada, levando-a então aos ombros. Diante esta atitude, a deusa Ártemis e o deus somar, Apolo, foram até o encontro do mesmo para reclamar de sua atitude, de ferir e tentar matar um animal considerado sagrado. Mas, o semideus se explicou, e disse que não era sua intenção com o animal, deixando assim a deusa mais tranquila ao ver a ausência de maléfica ousadia, e o deixando cumprir sua tarefa.

Nesta alegoria, o significado educativo alimenta a ideia da valorização da pura sabedoria e elegância. Não se deve matar a corça, mas sim captura-lá. Assim como as nossas conquistas e aproximações das pessoas, nós devemos sempre usar de nossa luz de inteligência, sendo respeitosos com os próximos, valorizando nossa mente sábia. Deixe o bom no seu interior, a luz, e a inebria junto aos outros.

No quarto trabalho, *O javali de Erimanto*, o protagonista deveria capturar o Javali das redondezas de Erimanto, também consagrado pela deusa Ártemis, porém um animal de fúria que destruía a onde passava. Hércules foi a caça do animal, mas no caminho se envolveu em um desalinho com seu amigo centauro, e seus companheiros. No fim, o herói perdeu seu amigo centauro mais próximo, que foi amargamente atingido por sua própria flecha, ao contrário da vontade de Hércules. Entregando, ao fim de sua melancólica jornada, ele encontrou o animal, o aterrorizando com fortes gritos na floresta onde ele estava escondido, e o capturou, completando sua quarta missão.

No âmbito significativo ético, esse mito representa nossa constante luta em estabelecer próprios limites. Um indivíduo que vive sem limites ou regras, deve passar por provações durante a vida para perceber o peso e a importância que as limitações são em nossas vidas. Seja para aprender a ter uma consciência respeitável, até aprender a seguir as próprias leis básicas que nos são impostas. Os limites não são de fácil captura para nós, e diversos conflitos podem ser encontrados no nosso caminho até conseguirmos entrar em nossa linha consensual de conquista do mesmo.

No quinto trabalho, *Os estábulos de Augias*, Euristeu mandou Hércules para os estábulos de Augias, um rei na região de Élis, que tinha rebanhos muito grandes. A tarefa do enviado, seria limpar o local não limpo por mais de 10 anos, em apenas um dia. Porém, Hércules aceitou e prostou-se a oferecer sua ajuda ao rei, que ao ver a determinação e o trabalho voluntário do guerreiro, lhe ofereceu uma recompensa se conseguisse: um décimo de todo seu rebanho.

O guerreiro aceitou a proposta, e começou as intervenções no local. Invés de usar pás ou sua força bruta, Hércules começou fazendo uma enorme fenda no solo do lugar, e conduziu os dois rios que jaziam ali por perto (*Alfeu e Peneu*), por um canal que fez com que a água levasse todo

o estrume de uma vez só. Ao ver que o encarregado tinha realizado o que prometerá, Augeu negou sua promessa, mesmo diante julgamento na qual foi levado, e expulsou seu próprio filho, que tinha defendido a Hércules por estar presente na hora da combinação do pai e do herói. Além, de claro, expulsar a Hércules.

No ensinamento dessa história, temos a limpeza. Na Grécia antiga, os homens tinham o costume de tomar banho 3 vezes ao dia, e usar desses momentos para reflexão. O banho, a limpeza interna, e tudo que convém disto, é muito importante a todos nós. Devemos procurar estar sempre limpos, e dispostos a limpar nossas impurezas externas quando necessário, para não se deixarmos acumular demais coisas em nosso ser.

No sexto trabalho, *As aves Estinfálicas*, Hércules ao chegar no Palácio de Euristeu recebeu a notícia de que seu trabalho anterior não tinha sido aceito, pois o mesmo aceitou recompensas, e as tarefas não deveriam ser feitas com esperança de um pagamento. Sendo assim, ele recebeu mais um trabalho, o de espantar as aves estinfálicas, estas eram enormes aves de Rapina, que viviam no lago Estínfalo, Árcadia. Suas penas eram como flechas, e seus bicos conseguiam perfurar até mesmo aço e metal, elas causavam grande tormento. Ao chegar no lago, Hércules se escondeu atrás de arbustos e observou os alvos. Não sabia por onde começar, nem o que deveria fazer contra as mesmas, que eram tantas, e tão mortais. Mas, por trás dele se encontrava a deusa Atena, que o ajudou. Lhe entregou tímpanos de ferro, feitos por Hefesto, o mandou usá-los, e então a divindade desapareceu. Hércules subiu em um morro, e soou os tímpanos, deixando os animais voantes assustados e desregulados, que foram mortos pelo mesmo após diversas disparadas de flechas. Cumpriu-se assim, a dexta tarefa.

De significativo aconselhamento, este trabalho nos remete a ideia de sempre ouvir nossas intuições, nossa voz sábia e interior. Ouvir nossos próprios aconselhamentos, desde que estes sejam sábios, para podermos seguir em frente conosco e com os demais. Não subir alto demais: A resposta racional de nossos problemas deve vir de forma pensante.

No sétimo trabalho, *O touro de Creta*, nesse Hércules foi mandado para domar e levar o touro de Creta, criado por Posídon, a criatura tinha um poder de devastação enorme por onde passava, sempre cheia de grande loucura e sem quem a tomasse. Todavia, Hércules foi até a criatura, e com grande força conseguiu domar e amarrar o animal, navegando por grandes rios, até chegar e entregar a mesma a Euristeu, finalizando sua sétima conquista. A besta, logo após, teve que ser morta por Perseu, devido a sua falta de controle e criação de caos.

Na significância deste, é visto simbolicamente, através de touro, a sexualidade exagerada e não controlada, usada de maneira incorreta, a que causa destruição. Esse aconselhamento foi

usado por diversos homens para o controle de sua luxúria e pela busca sem fundamentos de prazeres que no fim poderiam os levar a morte ou perdas.

No oitavo trabalho, *As éguas de Diomedes*, o incumbido de Euristeu deveria trazer as éguas raivosas do Trácio Diomedes, essas tão fortes e selvagens, que deveriam ser amarradas e transportadas com aços e ferros. Esses animais se alimentavam de carne humana, e o seu desumano dono, Diomedes, dava as mesmas o corpo de estrangeiros que chegavam na cidade. Ao ver aquela situação, a primeira ação de Hércules foi atirar o próprio responsável dos bichos como alimento para eles, como castigo as suas atitudes amargas. Logo depois, com as éguas domadas e alimentadas, com ajuda de seu amigo Abdero, filho de Hermes, ele seguiu. Porém no caminho encontrou inimigos, e os foi derrotar, deixando Abdero cuidando dos selvagens animais. Ao chegar de sua batalha, viu que os bichos tinham devorado seu amigo, pois já tinha tido fome novamente, e completamente amargurado terminou o seu trabalho, as entregando a Euristeu que as consagrou a deusa Hera.

A orientação desta narrativa, foi a de não deixar seu coração e confiança com qualquer um, para que eles não se esvaírem. Cuidar e ter zelo com aquilo que amamos, não os deixando de lado para o abandono.

No nono trabalho, *A expedição contra as Amazonas*, o encarregado de Euristeu foi despachado para deter o cinturão de Hipólita, a Rainha das Amazonas. As Amazonas eram um grande povo de mulheres guerreiras que viviam numa região distante e isolada. Hércules juntou seus guerreiros e aliados e seguiu rumo ao território das guerreiras, ao chegar, sua aparência e postura mostraram grande respeito a Rainha, que concordou em entregar a ele o majestoso cinto. Mas Hera, invejosa ao ver aquela situação, se passou de uma amazona e provocou grande desavença, criando assim uma batalha. Ao fim, Hércules derrotou a todas e a Rainha lhe entregou o cinturão prometido, fazendo ele completar sua tarefa, ao voltar para Euristeu.

No valor ético deste, vemos a valorização da honestidade, do nosso eu verdadeiro diante os outros, que deve transmitir confiança. As Amazonas eram nobres e fortes mulheres não persuadidas apenas pela aparência física das que lhe pediam algo, mas sim por suas reais e puras intenções. Hércules, mesmo que tendo que ir a batalha, recebeu sua promessa que lhe fora prometido, devido o seu robusto ar de nobreza e confiança com essas mulheres.

No décimo trabalho, *O gado do gigante Gérion*, Euristeu o deu ciente de que o batalhador não voltaria vivo. O gado do gigante Gérion era guardado por um cão terrível, de duas cabeças, e cercado por diversos guerreiros e um outro gigante, além de ficar em lugar muito distante. Mesmo assim, com coragem de vigor, Hércules seguiu para cumprir. Reuniu sua tropa, e se foi atrás do rebanho; Passou por diversas e enormes batalhas pelo caminho, lutou com os filhos do

gigante, com o próprio gigante, e até chegou a ferir a deusa Hera, que vendo tudo aquilo tentou se intrometer, mas saiu a força, ferida. O semideus conseguiu no final derrotar o cão que guardava as reses, de maravilhosa cor marrom-avermelhada. Ao conseguir completar o décimo trabalho, Euristeu lhe encarregou de mais dois trabalhos, já que não tinha reconhecido dois deles.

O conceito dessa historieta é de aviso: Não se apegue as coisas materiais. São diversas lutas e batalhas nas quais travamos diariamente para se desprender de coisas mundanas, e não espirituais e revigorantes. Mas aquele que persiste, consegue pegar no final sua recompensa gloriosa de ascensão de seu próprio ser, sem precisar de coisas externas e ricas para “ser” a si mesmo.

No décimo primeiro serviço, *As maçãs de Hespérides*, o serviçal batalhador deveria fazer uma viagem até o Jardim de Hespérides, e roubar uma de suas maçãs de ouro. Essas eram protegidas por um terrível Dragão de cem cabeças, junto das protetoras Hespérides, essas vigiavam as maçãs valiosas, que tinham sido um presente de casamento de Zeus e Hera. Hércules passou por diversas lutas e provações até chegar em seu destino, e encontrou o gigante Atlas, que segurava o peso de todo o mundo em suas costas. Este, ofereceu ajuda a Hércules, que segurou o mundo em suas costas se Atlas fosse e roubasse do jardim uma maçã para ele. Ao conseguir, Atlas voltou mas não quis voltar a ter o peso em suas costas novamente, ao se ver livre daquilo. Então Hércules teve de usar de sua esperteza, o enganando e conseguindo que o mesmo pegasse o peso do mundo de novo para seus melancólicos ombros. Hércules fugiu com o tesouro, o entregando a Euristeu, que deu o trabalho como completo.

A revelação de sabedoria vista aqui, contém relação com a fertilidade. Hércules, mesmo que furtando da árvore, reconhecia sua simbologia. Tanto que, ao finalizar o trabalho as ofereceu como oferenda a Atena. A fertilidade de bons sentimentos deve ser algo recorrente em nós, e um homem sempre deve encontrar em si próprio este propósito de colher frutos de suas boas ações no mundo.

No décimo segundo e último encarrego, *Cérbero, O cão dos Infernos*, Euristeu não poupou criatividade para tentar destruir Hércules de uma vez, o mandando para perigosa e mortal tarefa. Hércules deveria trazer para Euristeu o Cão de estimação de Hades, Cérebro, que cuida dos portões do inferno. Este assombroso monstro tinha três cabeças de cão, com baba venenosa sendo pingada constantemente, tinha cauda de dragão e sobre suas cabeças se retorciam serpentes. Hércules, após diversas pesquisas de como chegar ao mundo inferior, se dirigiu as regiões que o levariam até lá, seguindo os rituais. Ao chegar. O herói ao chegar passou novamente por muitas lutas e desavenças no submundo, mas ao fim capturou a criatura depois

de muito procurar. Com golpes, segurou as cabeças e a detonou com sua estrondosa força, desmaiando o monstro. Ao levá-lo pra superfície, o cão infernal se mostrou fraco devido o contato com o mundo à fora, e Hércules o levou rapidamente a Euristeu, que deu sua tarefa como cumprida. Após isso, o divino batalhador devolveu o aterrorizante animal ao deus Hades. Nessa última tarefa, vemos Hércules lutar e enfrentar cara a cara, a própria morte. Ele sabia de seu grande poder mortal, mas mesmo assim não o temeu. Vemos nesta tarefa que, devemos levar uma vida honrosa para não temer a morte, e receber nosso final com suavidade, e não temor, após uma vida de feitos.

Em vez de destruir seu rival, Euristeu só conseguirá fazer com que Hércules se revelasse um benfeitor e salvador da humanidade, libertando-a de muitos males. Depois de todos esses sacrifícios, Hércules finalmente retornou, com sua honra concebida e completa, livre da servidão à Euristeu. (SCHWAB, 2001, p. 211).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mitologia, desde os primórdios sociais, destaca os mais diversos aspectos que amamos portância nos mais diferentes povos, por todo o mundo. Com o modelo de Hércules, é visto a transição e o ciclo personificado de um humano, em um semideus. Recordamos a superação e a ideia de toda uma coletividade que tem contato direto e indireto com o mito, que perdura por tanta duração, devido a sua importância e pertinência, graças a semelhança aos dramas humanos e os conselhos sócio-educativos, vistos até mesmo em nossas batalhas internas. Sejam conselhos de sufocar e educar a violência, estabelecer limites e domar nossas inquietações, até o próprio cumprimento de leis básicas para a formação de uma civilização. É notório assim, que independente de nossa época ou século, o mito dos 12 trabalhos serviu, e serve até hoje, de imensa base para formação da ética básica de diversos cidadãos nos mais variados tipos culturais, como aspecto civil e educativo.

REFERÊNCIAS

SCHWAB, Gustav. **As Mais Belas Histórias da Antiguidade Clássica: Os Mitos da Grécia e de Roma**. Rio de Janeiro-RJ: PAZ E TERRA, 2001.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e Sociedade na Grécia Antiga**. Rio de Janeiro-RJ: José Olympio, 2010.

<https://ronaldogalvao.com.br/noticias/os-doze-trabalhos-de-hercules-e-seus-significados/>

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

